

## **Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*To Like School: working on school disaffection through artistic mediation*

Fabriele de Fatima Santos Nunes<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta o projeto de intervenção *Pra Gostar da Escola*, desenvolvido no estágio obrigatório do curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense, na Escola Municipal Clóvis Tavares, em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. A intervenção buscou colaborar para a redução do desinteresse escolar, expresso em indisciplina e baixo desempenho dos alunos, por meio de mediações artísticas que estimularam a reflexão e o engajamento da turma. O projeto evidenciou que a arte facilita o processo de aproximação entre profissional e os sujeitos envolvidos, bem como possibilita uma intervenção mais criativa e eficaz, destacando as potencialidades e possibilidades do uso da arte no fazer profissional.

**Palavras-chave:** Educação. Desinteresse Escolar. Serviço Social. Arte.

**Abstract:** This paper presents the To Like School intervention project, developed during the compulsory internship of the Social Work course at Universidade Federal Fluminense, at the Clóvis Tavares Municipal School, in Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. The intervention sought to help reduce the lack of interest in school, expressed in indiscipline and low student performance, through artistic mediations that stimulated reflection and engagement in the class. The project showed that art facilitates the process of rapprochement between the professional and the subjects involved, as well as enabling a more creative and effective intervention, highlighting the potential and possibilities of using art in professional practice.

**Keywords:** Education. School Disaffection. Social Work. Art.

---

<sup>1</sup> Assistente Social formada pela Universidade Federal Fluminense - UFF. ORCID: [0009-0001-8641-3097](https://orcid.org/0009-0001-8641-3097) - E-mail: [nunesfabriele@id.uff.br](mailto:nunesfabriele@id.uff.br).



## **Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

### **Introdução**

O desinteresse escolar tem se mostrado um desafio persistente nas escolas públicas brasileiras, especialmente entre estudantes atravessados por processos históricos de exclusão, onde raça, classe, gênero e território condicionam o acesso à educação e o modo como os sujeitos são percebidos e se percebem nesse espaço. Essa problemática, frequentemente atribuída a um suposto “descompromisso” dos alunos, precisa ser compreendida à luz das desigualdades estruturais que atravessam o cotidiano escolar.

O interesse pelo tema surgiu a partir da experiência de estágio obrigatório no curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense, *Campus* Campos dos Goytacazes, que teve início no período do segundo semestre de 2022 e foi realizado na Escola Municipal Clóvis Tavares, que se encontra localizada no Parque Esplanada, no município de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro, Brasil. O interesse pela arte enquanto instrumento de trabalho do Serviço Social se desdobrou no projeto de intervenção *Pra Gostar da Escola*, que por sua vez culminou no presente artigo.

O referido projeto de intervenção trabalhou a demanda do desinteresse escolar a partir do uso de mediações artísticas junto às mediações do trabalho profissional do assistente social, durante encontros com alunos da turma 7A103, uma das turmas ditas pela comunidade escolar como “impossível de trabalhar”. Durante o estágio desenvolvemos análises que nos possibilitaram compreender esta demanda social como uma expressão da questão social<sup>2</sup>, e entendemos que suas causas e manifestações, em dados contextos, estão diretamente relacionadas a fatores socioeconômicos, culturais e estruturais presentes no capitalismo. Assim, desinteresse escolar pode ser entendido

---

<sup>2</sup> A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão (Carvalho & Yamamoto, 1983, p. 77).



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

como um sintoma ou manifestação de questões sociais mais amplas, tendo em vista que no cotidiano dos alunos e de suas famílias se configuram diferentes expressões da questão social.

A experiência de aplicação do Projeto de Intervenção possibilitou o uso de diferentes conteúdos de produções audiovisuais, literárias e teatrais enquanto potências, tanto no que diz respeito a aproximação da realidade, auxiliando no processo de partida da demanda inicialmente apresentada para as necessidades reais dos sujeitos, realocando o objeto de trabalho, quanto no desencadeamento de processos reflexivos, necessários ao desenvolvimento da consciência crítica junto a esses sujeitos.

### **Aproximações iniciais**

A Escola Municipal Clóvis Tavares se encontra localizada no Parque Esplanada, no município de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro, atendendo crianças e adolescentes do entorno, do 5º ao 9º ano escolar, em turnos matutinos e vespertinos. A infraestrutura da escola segue o modelo Ciep (Centro Integrado de Educação Pública), criado em 1983, no primeiro governo do presidente Leonel de Moura Brizola. Conforme destaca Segadas (2022), a criação dos Cieps foi fortemente influenciada pelo antropólogo Darcy Ribeiro, considerado um dos maiores mestres da educação no Brasil.

Os Cieps se caracterizam como um sistema de educação integral onde o aluno teria as aulas do currículo normal, faria suas refeições e estaria envolvido, inclusive nos finais de semana, em atividades culturais, exercendo assim seu direito de ter uma educação de qualidade. Hoje, apesar de formalmente continuarem existindo, sua concepção original como modelo educacional já não existe mais, ficando seu significado histórico. Isto nos conduz a reflexões acerca do direito dos filhos das famílias mais pobres também terem acesso a uma educação de boa qualidade, de estarem alimentados e ligados à cultura como forma de lazer e aprendizado (Segadas, 2022).



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

Cabe recordar que, conforme aponta Oliveira (2017), para além do olhar tomado pela cotidianidade, o espaço escolar se desenvolve historicamente como um espaço de produção social que se dá historicamente a partir de práticas, instituições e relações concretas que inserem a educação no campo de disputas entre as classes. Voltando o olhar para os processos históricos que caracterizam a consolidação da educação enquanto política pública, percebe-se que a mesma é constantemente transpassada por avanços, retrocessos e correlação de forças.

Nesse jogo de forças, a perspectiva das classes dominantes em relação a educação dos grupos sociais de trabalhadores é de que a mesma deve se dar a fim de habilitá-los técnica, social e ideologicamente para o trabalho, de modo a subordinar a função social da educação de forma controlada para responder às demandas do capital. Já na perspectiva dos grupos sociais que compõem a classe que vive do trabalho, a educação se dá enquanto o desenvolvimento de potencialidades, buscando na mesma conhecimentos e habilidades que permitam uma melhor compreensão da realidade e envolva a capacidade de fazer valer os próprios interesses econômicos, políticos e culturais (Frigotto, 2010).

Destarte, a manutenção da sociedade burguesa exige, ao mesmo tempo, o desenvolvimento do conhecimento científico e a negação da compreensão crítica da totalidade social. Isso porque, para que a exploração se mantenha naturalizada, torna-se necessário que os sujeitos não acessem os fundamentos estruturais que sustentam as desigualdades. A educação, nesse sentido, é convocada a cumprir um papel funcional: expandir-se o suficiente para formar trabalhadores produtivos, mas não a ponto de fomentar consciências críticas capazes de contestar a ordem vigente. Quando o conhecimento ultrapassa os limites do funcionalismo e alcança a leitura crítica da realidade, pode tornar-se um instrumento de ruptura.

É nesse contexto contraditório que se insere a escola pública. Em seu cotidiano, expressam-se fenômenos comumente naturalizados ou tratados como “problemas sociais” — como a indisciplina, o fracasso escolar e a evasão — não considerando que



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

cada educando carrega consigo parte da realidade que vivencia, tornando-se fundamental analisar seu processo de escolarização à luz dessas determinações, compreendendo como a experiência social influencia sua trajetória, comportamento e relação com o saber. Desse modo, é nos entornos da escola e no cotidiano dos alunos que se configuram múltiplas expressões da questão social, que atravessam o processo de ensino-aprendizagem e desafiam a construção de uma formação crítica e emancipadora.

É importante mencionarmos que, no que diz respeito ao Brasil, a questão social se dá fortemente assentada em questões raciais, tendo em vista todo o processo de colonização europeia, violência e escravização dos corpos dos povos originários e de negros e negras, que ocorreu como a base de todo o processo produtivo da constituição do país.

Essas marcas se fazem presente na modernidade, conforme elucida Iamamoto (2010, p. 128), o "moderno" se constrói por meio do "arcaico", recriando elementos advindos de uma herança histórica colonial assentada em bases escravocratas e patriarcais. Tais elementos são atualizados e, ao mesmo tempo, transformados, no contexto de mundialização do capital. De modo que, sendo o sistema de ensino espaço de concretização de expressões da questão social, esses elementos se fazem presente favorecendo a concentração social, regional e racial de renda, prestígio e poder.

Nessa direção, a presença do Serviço Social<sup>3</sup> no contexto escolar deve ser entendida como uma mediação crítica, que rompe com a lógica fragmentada das respostas imediatistas e busca intervir nas determinações estruturais que atravessam o cotidiano educacional. Trata-se de um campo de intervenção que exige mediações críticas frente às determinações estruturais da questão social expressas no cotidiano. A presença do assistente social na escola pode contribuir para desvelar as desigualdades que atravessam o processo educativo, tensionando a naturalização do fracasso escolar e

---

<sup>3</sup> A presença de profissionais de Serviço Social e Psicologia nas redes públicas de educação básica foi regulamentada pela Lei nº 13.935/2019, que estabelece sua inserção nas equipes multiprofissionais da educação, com o objetivo de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem e o enfrentamento das desigualdades no espaço escolar.



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

ampliando os sentidos da educação pública. Essa intervenção não é neutra: ela se ancora no projeto ético-político da profissão e busca incidir sobre os processos sociais que negam o acesso e a permanência com qualidade na escola pública. O Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) corrobora que:

O Serviço Social no âmbito educacional tem a possibilidade de contribuir com a realização de diagnósticos sociais, indicando possíveis alternativas à problemática social vivida por muitas crianças e adolescentes, o que refletirá na melhoria das suas condições de enfrentamento da vida escolar. Afirma atribuição de analisar e diagnosticar as causas dos problemas sociais detectados em relação aos alunos, objetivando saná-los ou atenuá-los (CFESS, 2001, p. 12).

O trabalho do assistente social nesse espaço sócio ocupacional vai ao encontro do compromisso de garantir direitos sociais, indicando uma reformulação e/ou ampliação do conceito de educação, que considera a escola como parte integrante de um todo social, que traz emaranhado em si, as contradições da própria sociedade, possibilitando possíveis alternativas à problemática social apresentada, que irá repercutir nas condições de enfrentamento e manutenção da vida escolar. Nesse sentido, o serviço social incluso no âmbito educacional tem a possibilidade de contribuir com diagnósticos sociais, possibilitando possíveis alternativas à problemática social apresentada, que irá repercutir nas condições de enfrentamento e manutenção da vida escolar (CFESS, 2001).

Assim, no decorrer do cotidiano escolar, a partir de trocas com a comunidade escolar e durante os atendimentos e intervenções realizadas pelo assistente social<sup>4</sup>, foi possível identificar algumas demandas presentes na escola, como a infrequência, dificuldade de acesso a serviços essenciais, situações de abuso sexual e demais questões relacionadas a sexualidade, *bullying* e o desinteresse escolar, sendo este expresso através de comportamentos indisciplinados, agressivos e desrespeitosos, culminando no baixo desempenho escolar.

Essa última demanda, o desinteresse escolar, também foi ressaltada pela direção da escola (diretora e vice-diretora/pedagoga), tendo em vista os quadros de indisciplina,

---

<sup>4</sup> Assistente social da Secretaria Municipal de Educação e Tecnologia de Campos dos Goytacazes e supervisor de campo das disciplinas de Estágio Obrigatório em Serviço Social.



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

agressividade, desrespeito e não reconhecimento da função social da escola. Nesse contexto, o desinteresse pelo aprendizado, por parte dos alunos, tem se mostrado enquanto demanda recorrente. Nos chamou a atenção pensar como esses indicadores se constituem para além de conceitos ligados exclusivamente à escola, indo ao encontro a fatores que estão atrelados a outras formas de expressão dos problemas de âmbito social enfrentados pelo educando e sua família.

Para tanto, compreendemos o desinteresse escolar como uma manifestação empírica da questão social no interior da escola pública. Trata-se de um fenômeno que expressa o distanciamento entre os sujeitos e os sentidos atribuídos à experiência escolar, especialmente em contextos marcados por desigualdades estruturais classe, raça, gênero e território. Inspiramo-nos em Charlot (2000), ao reconhecer que a relação dos estudantes com o saber é construída socialmente, e que o fracasso ou desinteresse escolar não pode ser atribuído a um déficit individual, mas deve ser analisado no marco das condições concretas de existência.

Dialogando com Frigotto (2010), compreendemos que o desinteresse escolar é expressão de um modelo educacional subordinado ao capital, que priva os estudantes das classes populares do acesso pleno ao conhecimento e à valorização de seus saberes. Nessa lógica, o fracasso escolar se converte em estratégia seletiva que legitima desigualdades, mascarando-as como deficiências individuais.



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

A escola, quando reproduz a lógica meritocrática e desconsidera os saberes e trajetórias das classes populares, se apresenta como espaço de não pertencimento, de silenciamento e de negação da identidade. Nesse contexto, o desinteresse escolar, longe de ser uma recusa ao conhecimento em si, configura-se como resistência à forma escolar imposta, à qual esses sujeitos muitas vezes não se veem integrados. Em diálogo com a tradição crítico-dialética do Serviço Social, compreendemos esse fenômeno como uma expressão da alienação e da desigualdade educacional produzida historicamente. A desmotivação e o desinteresse, portanto, não devem ser lidos como falhas individuais, mas como reações legítimas diante da desconexão entre o projeto escolar e as realidades vividas pelos alunos.

Desse modo, buscamos na elaboração do Projeto de Intervenção, como uma das exigências do estágio curricular, nas disciplinas de Estágio Supervisionado em Serviço Social, IV, V e VI, compreender o que poderia estar influenciando o desinteresse escolar dos alunos pela escola pública e conseqüentemente o baixo rendimento, de modo a colaborar para a redução do desinteresse escolar, reforçando a função social da educação para o exercício da cidadania. Foi escolhida uma única turma para a aplicação do projeto de intervenção, tendo em vista o tempo disponível para execução do projeto. A turma em questão foi a 7A103, que apresentava um grande número de registros no livro de ocorrências acerca da indisciplina, atitudes e frases violentas entre os alunos, bem como desrespeito para com o professor.

Posto isso, no processo de elaboração do projeto de intervenção escolhemos enquanto instrumento direto o trabalho em grupo, no qual o assistente social tem a possibilidade de colaborar com a construção do conhecimento, potencializando espaços de reflexão mediante análise conjunta do contexto das relações sociais na qual o grupo está inserido, trabalhando a formação da identidade e de pertencimento do grupo.

Também escolhemos trabalhar a partir de mediações artísticas que, ao mobilizarem linguagem, sensibilidade e crítica, reposicionam os sujeitos escolares como produtores de cultura e história. A arte, nesse contexto, foi incorporada como





**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

instrumento capaz de favorecer o movimento de aproximação à realidade e o desvelamento das necessidades concretas vividas pelos estudantes. Por meio da reflexão crítica, da expressão criativa e do engajamento, buscou-se contribuir para o fortalecimento da função social da educação, valorizando a escola como espaço de aprendizado, transformação e exercício da cidadania.

A adoção desse recurso no projeto fundamenta-se na compreensão de que, enquanto recurso ativado pelo Serviço Social, a arte contribui para expressar os impactos da questão social, apresentando fragmentos da realidade das classes sociais, que combinados à uma leitura crítica favorece a aproximação e compreensão do assistente social para com a realidade dos usuários. Desse modo aproveitamos a arte no projeto de intervenção como mediação<sup>5</sup> que possibilita a construção e o fortalecimento de processos sociais emancipatórios, uma vez que desperta nos indivíduos o questionamento e a busca de respostas para o seu cotidiano.

É importante destacar que a utilização da linguagem artística no Serviço Social, especialmente em contextos escolares, exige uma perspectiva que transcenda o seu uso funcional ou meramente decorativo. Neste estudo, tal linguagem é compreendida como uma práxis emancipatória que, ao integrar o trabalho profissional, potencializa a leitura crítica da realidade e ativa processos de resignificação simbólica. Como destaca Lopes (2017), é essencial que essas mediações estejam conectadas aos cotidianos dos sujeitos, valorizando suas experiências concretas e promovendo espaços de escuta, expressão e reconstrução de sentidos.

Tendo em vista alcançar os objetivos propostos pelo Projeto de Intervenção, o processo foi dividido em três momentos: (1) aproximações iniciais: momento no qual aplicamos um questionário aos professores da turma 7A103, buscando identificar como

---

<sup>5</sup> Partimos do entendimento de mediação como a categoria que auxilia o profissional a criar condições para a operação da *práxis*. Nessa direção a mediação pode ser entendida enquanto um processo que norteia a intervenção profissional na prática, conforme elucida Martinelli (1993), as mediações são categorias instrumentais, pelas quais se processa a operacionalização da ação profissional, é uma forma de objetivar a prática. As mediações são expressas pelo conjunto de instrumentos, recursos, técnicas e estratégias que o profissional toma conhecimento para poder penetrar nas tramas da realidade como possibilidade de transformá-la.



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

os professores enxergavam a turma em relação ao desinteresse escolar e a função social da escola. Também realizamos o primeiro encontro com os alunos, no qual trabalhamos a relação deles com a escola e entre si, a partir da exibição do videoclipe da música *Pedagoginga* (Elnino; Sant & KMKZ, 2017); (2) reflexões e desenvolvimento do projeto: o segundo momento foi dividido em três encontros com os alunos, a *Oficina Rap e Educação: construindo versos de vida*, que contou com a participação de dois *rappers* da cena local de Campos - Zabú e Ancorano, a atividade *Arte e Educação: teatro do oprimido*, com o professor de teatro Matheus Gonçalves, e por fim a exibição da animação brasileira *Uma história de amor e fúria* (2013), dirigida por Bolognesi. Estas diferentes formas de arte foram utilizadas como ferramenta para refletir a função social da escola enquanto impulsionadora e anunciante de possibilidades, estimulando a criatividade e o protagonismo dos discentes; (3) avaliação e encerramento do projeto: envolveu uma avaliação com alunos e professores da escola e posteriormente da estagiária, junto com outros alunos da disciplina Estágio VI. Nesta última houve um compartilhamento dos resultados dos projetos dos estagiários através da apresentação dos Relatórios de Avaliação das intervenções, observando os percursos táticos e estratégicos de cada trabalho na direção do alcance dos objetivos propostos.

A proposta deste trabalho também dialoga com as reflexões de bell hooks (2013), ao compreender o ensino como prática de liberdade e espaço de resistência. Para a autora, a educação só se realiza de forma transformadora quando parte da escuta, do afeto e da valorização das identidades que habitam o espaço escolar. É nesse contexto que a *escrivivência*, conceito cunhado por Conceição Evaristo, se apresenta como força metodológica e política, convocando a valorização das experiências narradas a partir do corpo e da memória dos sujeitos oprimidos, especialmente mulheres negras e periféricas (Evaristo, 2011).

Dessa maneira, a arte no Serviço Social escolar não é mero recurso auxiliar, mas componente fundamental da direção social crítica da profissão. Ela abre brechas para um fazer ético e potente, que atua sobre as expressões da questão social e fomenta a



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

construção de sujeitos críticos, capazes de se reconhecerem como produtores de cultura, história e resistência.

**Desenvolvimento do Projeto de Intervenção "Pra Gostar da Escola"**

Considerando que, para intervir em uma realidade concreta, a partir de uma postura crítica, é necessário desvelar as especificidades que conformam a totalidade da realidade apresentada - compreendendo diferentes dimensões do cotidiano - demos início ao processo de aproximação da realidade empírica realizando contato com os professores da turma 7A103 e aplicando um questionário para uma primeira análise acerca de como os educadores enxergam e percebem a turma, quais os desafios e suas pontuações em relação ao desinteresse escolar, indisciplina e baixo rendimento identificado. Assim, por meio da ação investigativa, fomos em direção ao desvelamento das múltiplas determinações da realidade que estão postas no cotidiano dos alunos e suas famílias. Destarte, são essas demandas emergentes e postas à luz de uma análise crítica e instrumentalizada pelo serviço social que justificam a inserção desse profissional no espaço escolar.

Referente ao questionário encaminhado aos professores, o mesmo era composto por 10 perguntas, às quais os que se disponibilizaram a responder foram os professores de Ciências, Português, Artes, Projeto de Computação, Ensino Religioso e Projeto Integrado. O questionário buscou identificar como os professores enxergam a turma em relação ao desinteresse escolar identificado e a função social da escola. Ao indagar quais eram os principais comportamentos indisciplinados da turma, os professores destacaram a falta de respeito entre colegas e com professores como o comportamento indisciplinado mais recorrente entre a turma.

Todos também afirmaram que, em alguma medida, o desinteresse escolar repercute em comportamentos indisciplinados, o que têm afetado o desempenho escolar dos alunos, bem como, em sua maioria, identificaram a turma enquanto pouco participativa e permeada por conflitos recorrentes. No que tange aos quais podem ser os



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

fatores que estão influenciando esse desinteresse escolar, os professores mencionaram a falta de acompanhamento em casa, a estrutura familiar, a falta de compreensão da importância dos conhecimentos adquiridos, a infantilidade, e o analfabetismo funcional. Observamos que todas as hipóteses apresentadas pelos professores centraram-se em problemas familiares e individuais dos alunos, em um viés de culpabilização que exclui a responsabilidade da escola ou a reflexão sobre o próprio trabalho docente.

Compreendemos então que o desinteresse escolar não deve ser entendido enquanto um problema que começa e se encerra no aluno, mas sim como um processo construído nas relações escolares, nas experiências de vida dos atores envolvidos e nas relações institucionais. Estas, por sua vez, só podem ser entendidas no contexto maior da estrutura social como produto da história. Foi também nesse momento inicial que apresentamos para a turma o projeto e seus objetivos, bem como decidimos dias e horários para os encontros.

Adiante, conforme combinado, no dia e horário marcado para o primeiro encontro os alunos se encaminharam para a "sala de vídeo". O objetivo desse primeiro encontro era conhecê-los um pouco, e por meio da escuta nos aproximarmos e identificarmos qual a relação deles com a escola e entre si.

Com todos sentados em roda iniciamos propondo uma dinâmica de apresentação, estimulando que falassem um pouquinho sobre si, buscando entender como se davam as relações entre a turma. Dando continuidade ao que estava programado, apresentamos para a turma a letra e o clipe da música *Pedagoginga* do rapper Thiago Elnino com participação de Sant & KMKZ, a letra da música, bem como o clipe, trazem uma crítica ao sistema de ensino ritualizado, destacando a necessidade de uma descolonização dos conteúdos e a possibilidade de uma Pedagogia alternativa, na qual o aluno possa se sentir pertencente. Após a apresentação do clipe propomos as reflexões a partir de dois trechos da letra:

1- [...] Não tô falando de dinheiro, eu falo de conhecimento; Eu não quero mais estudar na sua escola; Que não conta a minha história, na verdade me mata por dentro;



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

2- [...] Mano, vou te falar ein, ô lugar que eu odiava; Eu não entendia porra nenhuma do que a professora me falava; Ela explicava, explicava, querendo que eu; Criasse um interesse num mundo que não tinha nada haver com o meu (Elnino, Sant & KMKZ, 2017).

Iniciamos a reflexão indagando o que acharam da música, se haviam se identificado com alguma parte, em especial as duas em destaque mencionadas acima. A turma não se aprofundou em dizer o que sentia a partir da exibição do clipe, mas entendemos que essa atitude representava uma forma de defesa, e até mesmo por não terem o costume de serem indagados sobre suas percepções. Então, com suas respostas atropeladas apenas confirmaram que sim: "[...] não entendiam porra nenhuma do que a professora falava" (Nunes, 2023, p. 8). A turma demonstrou uma grande identificação com essa frase e a partir disso seguimos instigando as falas acerca de como enxergavam a escola e a importância da educação.

Retomando ao questionário que passamos aos professores, cabe mencionar que a grande maioria afirmou que os alunos não compreendem muito bem a importância da educação, enquanto uma outra parcela entende que os alunos têm consciência dessa importância, porém não vêem relação com a sua vida. Em direção contrária a visão dos professores, a turma demonstrou durante nossos encontros ter consciência de que a educação e a escola são elementos importantes, e ao seu modo assimilam isso às suas experiências de vida, conforme podemos observar quando uma aluna mencionou que "precisava estudar para mudar de vida e dar uma casa para a mãe" e em outras frases como "estudar para ter um bom emprego" e "não virar bandido", carecendo que essa noção de importância seja enriquecida com a criticidade. Observamos que a questão talvez fosse menos sobre eles darem ou não importância para a educação, e mais sobre não conseguirem verdadeiramente se verem pertencentes ao ambiente escolar, cativados e estimulados a serem autores de suas histórias, cidadãos críticos e com oportunidade de escolhas (Nunes, 2023).

É pertinente destacar que a turma 7A103, como a maioria das salas de aula das escolas públicas, é composta majoritariamente por meninas e meninos pretos e pardos,



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

moradores em sua maioria na região na qual a escola está localizada. Uma análise da expansão urbana de Campos dos Goytacazes e a formação da sua periferia, propicia a percepção de um processo contínuo de separação de classes, onde se tem uma elite instalada próxima às áreas centrais da cidade, e uma classe menos favorecida que, em virtude das heranças históricas relacionadas à processos como a falência das usinas e da dificuldade de se inserir na área central, foi condicionada a se instalar em áreas mais periféricas. De modo que, quanto mais afastado do centro estiver o bairro, mais traços de segregações a área demonstra (Cláudio & Santos, 2019), como é o caso do Parque Esplanada, bairro no qual a escola está localizada, bem como o local onde os alunos residem.

Destarte, para intervir em uma realidade concreta é preciso desvelar e conectar essas especificidades que compõem a totalidade da realidade com a qual nos deparamos, articulando os determinantes de classe, raça e gênero, fazendo um movimento de aproximação da realidade concreta. Sendo assim, é necessário que processos educativos observem e identifiquem recursos que viabilizem o conhecimento dessas contradições, ativando mediações políticas voltadas a uma forma de educação com potencial emancipatório.

Nessa direção, a *práxis artística* na prática profissional deve ser direcionada à uma educação para a auto identificação dos indivíduos enquanto intelectuais, sujeitos de suas próprias histórias, sendo necessário uma contribuição teórica, que pode ser acessada por meio da arte. Destarte, esse teorizar, dotado de um propósito, precisa se dar com base nos cotidianos dos usuários e suas experiências de vida (Lopes, 2017).

Posto isso, após o primeiro encontro com a turma tivemos a oficina *Rap e Educação: construindo versos de vida*, na qual o *rap* foi trabalhado enquanto uma mediação artística que possibilita desenvolver processos reflexivos, tendo em vista que o *rap* é uma manifestação cultural que nasce com o intuito de lazer, união e resistência, propagando mensagens de denúncia e promovendo novas formas de se expressar e conscientização social. De modo que, a partir desse primeiro encontro foi possível fazer



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

o movimento de aproximação das experiências de vida e dos determinantes que perpassam as vivências dos alunos.

A produção de rimas, requereu que os sujeitos pensassem em suas trajetórias de vida, estabelecendo relações entre memória, presente e perspectivas futuras. Ao final, aqueles que se sentissem à vontade poderiam recitar ou cantar o verso produzido pelo grupo, e nesse momento eis outra surpresa, tendo em vista que todos os grupos se propuseram a apresentar. Ao incorporar a *escrevivência* como potência pedagógica e estética, o trabalho com a arte assume uma dimensão de denúncia, de memória e de reinvenção do mundo. Assim, torna-se possível ativar dispositivos de reelaboração simbólica da realidade, por meio de linguagens que tocam o sensível e o ético.

Nessa direção, no que diz respeito aos materiais produzidos pelos alunos durante a oficina, a questão racial foi algo pertinente, quer seja de uma forma sutil, quer seja de forma mais explícita, dos 6 grupos formados, 3 trouxeram esse determinante. Trazendo como referência a música que havia apresentado para eles no primeiro encontro, um dos grupos escreveu: “Viemos de Campos, com essa canção/ Queremos que acabe a discriminação/ Atravessamos o oceano pra trampar na sua plantação/ Café, algodão, cana, escravidão” (Nunes, 2023, p. 10). Um outro grupo iniciou se auto descrevendo da seguinte forma “Sou um preto favelado [...]” (Nunes, 2023, p. 10). Já no terceiro material produzido pelos alunos a questão racial apareceu costurada sutilmente à questão de gênero e classe. O grupo composto apenas por garotas, sinalizou que estava retratando como se estivessem “no futuro estabilizadas financeiramente e profissionalmente, lembrando tudo o que passaram” (Nunes, 2023, p. 11). Em um trecho as meninas escreveram: “[...] Quando olho pra trás lembro de tudo que já sofri/ Sofria bullying, racismo/ Incomodava muita gente/ Tristeza tinha muita, mas hoje eu só olho pra frente, lembro da minha mãe dizendo ‘filha siga sempre em frente’ [...]” (Nunes, 2023, p. 11).

E mais à frente continuaram “[...] Comprei uma casa pra minha mãe e dei muita grana para os parentes [...]” (Nunes, 2023, p. 11). Aqui cabe relacionar tais fatos a um outro momento, durante nosso primeiro encontro, quando indagamos o porquê da



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

importância da educação e uma aluna respondeu que “Precisava estudar para mudar de vida e dar uma casa para a mãe” (Nunes, 2023, p. 11). Conseguimos identificar como o responsável citado por eles, em sua maioria, era a figura materna, aquela à qual expressavam uma vontade imensa de compensar todo o esforço investido em suas criações, sendo para eles “uma casa” a melhor forma para tal.

As famílias monoparentais femininas são aquelas chefiadas por mães solteiras ou até mesmo avós solteiras e por meio dos atendimentos realizados pelo Serviço Social da escola, somados às análises acima, foi possível identificar a existência de um número expressivo de famílias lideradas apenas por mulheres, sendo essas em sua maioria negras. Essas mulheres, negras e/ou mães solo, compoem majoritariamente às classes subalternas, de modo que se dão enquanto um público no qual as propriedades da questão social incidem com maior intensidade. Vislumbrar e construir novos caminhos e possibilidades para os filhos dessas mulheres contempla o Código de Ética do Serviço Social quando este se posiciona em favor da equidade e justiça social, bem como o “[...] empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças” (CFESS, 1993, p. 23).

O segundo encontro/oficina *Arte e Educação: Teatro do Oprimido* teve como convidado o professor de teatro Matheus Gonçalves, do Instituto Federal Fluminense (*Campus Campos dos Goytacazes*), e teve como objetivo dar continuidade ao que foi trabalhado no último encontro acerca dos processos de resistência e experiências de vida. O *Teatro do Oprimido* é baseado na *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, e possui um aspecto pedagógico e político, compondo um teatro que vai muito além de divertir e entreter, mas sim como uma forma de libertação e de transformação social e educativa.

Assim, através de exercícios, jogos e técnicas teatrais, buscou-se estimular a discussão e questionamento de questões diárias, com o intuito de fornecer maior reflexão das relações de poder, através de histórias entre opressor e oprimido. O fazer teatral nesse caso, tem um diferencial, onde tanto atores como espectadores sintam-se





**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

capazes de transformar a situação, buscando resolver o problema na ação representada. Destarte, essas cenas visam representar situações reais do dia a dia, abrindo possibilidade para discussão das vivências individuais dos alunos, tendo em vista que a representação parte do repertório sócio-espacial de cada um.

Desse modo, as atividades propostas caminharam para a construção de cenas, inicialmente em duplas e depois, em grupo. Durante o desenrolar das atividades, no que diz respeito às representações em dupla, muitos alunos representaram cenas nas quais portavam armas com certo ar de ostentação. Já no material produzido em grupo, referente às cenas representando algo negativo, os alunos retrataram em sua maioria cenas de violência entre os alunos, nas quais uma pessoa era a vítima de mais de um agressor, sempre tendo um outro ator que filmava o ocorrido, sem prestar ajuda ou intervir na briga.

Outra cena que chamou a atenção foi uma na qual o grupo representava três alunos sentados na sala de aula em desespero, dando a entender que não estavam conseguindo acompanhar o que estava sendo ensinado, enquanto a professora seguia copiando a lição no quadro, alheia e distante do que os alunos estavam sentindo.

Vendo tal cena me recordei do trecho da música trabalhada com a turma no primeiro encontro, e que tantos disseram se identificar: '[...] Eu não entendia porra nenhuma do que a professora me falava/ Ela falava querendo que eu criasse interesse em um mundo que não tinha nada haver com o meu [...]' (Nunes, 2023, p. 12).

É válido ressaltar a necessidade de cuidado ao analisar essas reclamações, uma vez que podem acabar por cair na mesma lógica de transferência de “culpa” historicamente atribuída aos alunos e às suas famílias, ao professor. Um equívoco propício a se cair ao não pensarmos a escola no interior das contradições de uma sociedade de classes.

Adiante, nas cenas de superação, os alunos encenaram o ator até então cúmplice que filmava tudo em alguém que intervinha, separado a briga. Em outros as pazes eram feitas e todos ficavam amigos. Entretanto, na cena com a professora os alunos retrataram a superação ainda de forma negativa, à medida que retrataram a professora agredida e



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

os alunos comemorando. Ao analisar a cena os demais alunos concluíram que tal representação não resolvia o problema inicial, na verdade, acabava criando outro.

A partir das cenas, suas problematizações e a criação de novas cenas sugeridas como solução às situações representadas, os grupos demonstraram uma leitura mais crítica da realidade, construindo possíveis caminhos para o seu enfrentamento. A avaliação e a contextualização das cenas permitiu o alongamento do olhar dos alunos, possibilitando que relacionassem situações singulares com questões mais amplas. Posto isso, a dramatização de cenas cotidianas auxiliou os grupos a perceberem por meio das representações: preconceitos, dificuldades e potencialidades que muitas vezes não são expressas no cotidiano, ampliando as leituras reducionistas e reduzindo sentimentos de culpabilização individual dos sujeitos.

O terceiro encontro contou com a exibição do filme *Uma História de Amor e Fúria*, que em formato de animação retrata o amor entre um herói imortal e Janaína, a mulher por quem é apaixonado há 600 anos. Como pano de fundo do romance, o longa ressalta quatro fases da história do Brasil: a colonização, o período da escravidão, o Regime Militar e o futuro, em 2096, quando há uma guerra por água potável. O filme tem início na interação entre franceses, indígenas e portugueses, onde é apresentada a figura de Anagá, antagonista principal em toda narrativa, sendo este um “espírito dos tempos” que ao longo do tempo toma várias formas, mas é homogeneamente opressora e impositiva, intolerante, antidemocrática e apropriadora de esforços alheios.

Nessa trama, a missão do herói é combater o espírito de Anagá. Existem derrotas ao longo dos quatro momentos apresentados, mas em cada um deles uma oportunidade de renascimento, seja por meio do pássaro que o protagonista se torna ao longo do filme, nunca morrendo, seja na “reencarnação” de sua amada. Sempre representando o lado oprimido historicamente, conectando determinantes de classe, raça e gênero, o filme apresenta novos heróis, diferentes daqueles comumente apresentados em sala de aula, e de certa forma, semelhantes aos alunos. O objetivo a partir do filme era fechar as



## **Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

reflexões que vinham sendo feitas nos encontros anteriores, articulando resistência, pensamento crítico e a importância da educação.

Durante a exposição do filme realizamos algumas pausas para contextualizar e chamar a atenção dos alunos para pontos importantes, certificando de que, apesar das conversas paralelas somadas à uma TV pequena e com baixo som (tendo em vista à quantidade de alunos) os mesmos conseguissem acompanhar o que propunha o filme. Ao final da animação promovemos uma articulação com as ideias trabalhadas nos encontros passados, pautando a fala na ideia de que, quando se nasce com poucos recursos, ser estudioso se torna um dos maiores atos de resistência contra todo um sistema de opressões. Assim, ao longo do encontro,

[...] Fui dando exemplos a partir da minha própria jornada: outrora uma pré adolescente pretinha que estudava em um Ciep como aquele e acreditava que o mundo era apenas as ruas do seu precário bairro, e que a partir da educação, tomando posse de um par de asas começou, a vislumbrar possibilidades e caminhos. Nesse momento via alguns olhinhos brilharem (Nunes, 2023, p. 14).

### **Análise dos resultados**

A partir da experiência vivida com a turma 7A103, podemos identificar como o uso da arte como estratégia de trabalho para o assistente social colabora para que os objetivos sejam atingidos de maneira mais eficiente e prazerosa, possibilitando a construção de espaços de escuta, reconhecimento e expressão dos sujeitos. O *rap*, o teatro do oprimido e o cinema se mostraram potentes não apenas enquanto recursos didáticos, mas como instrumentos de leitura crítica da realidade, desvelando experiências marcadas por racismo, desigualdade de gênero, violência e exclusão. Tais elementos, quando nomeados pelos alunos, permitiram a compreensão de que o desinteresse escolar não está desvinculado dessas determinações.

A atividade com o *rap*, por exemplo, revelou uma identificação imediata com letras que questionavam a estrutura escolar e seu silenciamento sobre a história e identidade dos estudantes. As rimas produzidas pelos alunos, ao abordarem temas como racismo, pobreza, maternidade solo e sonhos de ascensão social, demonstraram não



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

apenas um reconhecimento das opressões vividas, mas também a existência de uma resistência simbólica, ainda que muitas vezes inconsciente. Já o teatro do oprimido trouxe à tona cenas de opressão cotidiana vividas na escola, especialmente em relação à violência simbólica, ao desrespeito e à ausência de escuta. A reflexão coletiva sobre essas cenas gerou um movimento de elaboração crítica e proposição de soluções.

Tais resultados dialogam com a perspectiva freiriana de educação como prática da liberdade (Freire, 1987), bem como com a proposição de bell hooks (2013) sobre o ensino como ato de resistência e afeto. A educação que emancipa não se estrutura pela transmissão bancária de conteúdos, mas pela criação de espaços de escuta, acolhimento e diálogo horizontal. Nesse sentido, o projeto *Pra Gostar da Escola* revelou como a arte pode ativar processos de tomada de consciência, romper com a alienação cotidiana e fortalecer os vínculos com o espaço escolar. Observa-se que o trabalho com expressões artísticas contribuiu significativamente para a aproximação entre os sujeitos envolvidos e o Serviço Social, favorecendo a escuta, a elaboração de vivências e a ressignificação de experiências cotidianas.

Esse movimento permitiu ao profissional ultrapassar leituras imediatistas das manifestações escolares e acessar dimensões mais profundas da realidade social. O desinteresse e o baixo rendimento escolar, frequentemente interpretados como problemas individuais, mostraram-se atravessados por determinações estruturais que, ao serem trabalhadas criticamente, revelaram-se como expressões da questão social. A partir das atividades propostas foi possível tecer uma teia de reflexões acerca dos temas transversais classe, raça, gênero e geração, temas esses que os alunos demonstraram reconhecerem enquanto determinantes presentes em suas histórias de vida. Nesse percurso, Carla Akotirene (2019) oferece uma contribuição fundamental ao pensar a interseccionalidade como metodologia de leitura do mundo, convocando-nos a considerar as relações entre classe, raça, gênero e território como elementos constituintes das opressões e, portanto, centrais para qualquer projeto pedagógico comprometido com a emancipação.



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

A metodologia adotada demonstrou potência ao articular sensibilidade estética, escuta qualificada e crítica social, viabilizando leituras mais complexas das vivências escolares. A prática revelou que a mediação artística, quando integrada ao fazer profissional, pode mobilizar os sujeitos para a reflexão sobre sua própria história, fortalecendo vínculos com a escola e promovendo pertencimento. Tais efeitos reforçam a compreensão de que intervenções sustentadas na arte crítica contribuem para reposicionar os estudantes como sujeitos de direitos e de saberes, e não apenas como receptores de conteúdo ou como alvo de controle disciplinar.

Ao avaliar os resultados obtidos no decorrer dos encontros propostos pelo projeto de intervenção, estes demonstram que a arte não apenas facilita o processo de aproximação entre profissional e os sujeitos envolvidos, mas também permite uma intervenção mais criativa eficaz, tendo sido possível identificar potencialidade e possibilidades do uso da arte no fazer profissional do serviço social. O uso da arte ocorre como um recurso que possibilita desvendamentos de manifestações particulares da questão social que perpassam e estruturam a vida dos indivíduos, bem como o alcance de ações reflexivas junto aos usuários, promovendo o reconhecimento e compreensão de contradições postas em suas cotidianidades, a partir do processo de resgate de valores humano-genéricos.

A originalidade desta proposta reside na forma como articula a utilização da arte como mediação pedagógica à atuação do Serviço Social no ambiente escolar, numa perspectiva crítica e de caráter emancipatório. Embora existam estudos sobre práticas educativas com arte no contexto da educação formal, são ainda escassos os trabalhos que abordam a mediação artística como ferramenta metodológica do Serviço Social em escolas públicas, especialmente ancorada no referencial da tradição crítico-dialética. O projeto aqui apresentado propõe a arte não como atividade complementar ou decorativa, mas como estratégia teórico-metodológica alinhada ao projeto ético-político da profissão, potencializando processos de escuta, tomada de consciência e reorganização da prática educativa no cotidiano escolar.



## **Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

Por fim, é importante reconhecer os limites da intervenção aqui apresentada. O número reduzido de encontros, a atuação vinculada a uma disciplina acadêmica e o tempo curto de execução do projeto impuseram restrições à amplitude e profundidade das ações. Ainda assim, os resultados obtidos indicam caminhos promissores para investigações futuras e apontam para a importância de ampliar a inserção do Serviço Social na escola com estratégias que visem o fortalecimento de uma educação pública emancipadora.

### **Considerações Finais**

A experiência vivenciada no desenvolvimento do projeto *Pra Gostar da Escola* evidenciou que o uso de linguagens artísticas - como cinema, música e dramatização — pode ampliar os horizontes de escuta, expressão e reflexão no espaço escolar. Esses recursos contribuíram para a construção de diálogos e reflexões, especialmente entre estudantes cujas trajetórias são atravessadas por desigualdades de classe, raça, gênero e território.

Ao longo das atividades propostas, os alunos demonstraram capacidade crítica e sensibilidade ao relacionar as práticas desenvolvidas com suas experiências de vida concretas. As oficinas possibilitaram a produção de narrativas coletivas e a elaboração simbólica de vivências silenciadas pela estrutura escolar tradicional. O projeto, mesmo nos limites de um estágio supervisionado, revelou que práticas artísticas, quando articuladas a fundamentos críticos, podem colaborar com a promoção de processos de escuta qualificada e construção de sentidos compartilhados.

A intervenção reforçou, ainda, que a inserção do Serviço Social no espaço escolar não se restringe à resolução pontual de demandas imediatas. Ao integrar mediações artísticas ao trabalho profissional, ampliam-se as possibilidades de atuação na escola como espaço de disputas simbólicas e formação crítica. Essa perspectiva contribui para reposicionar o educando como sujeito de direitos, de saberes e de história, em contraposição à lógica de culpabilização e controle disciplinar.



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

Destarte, os objetivos de colaborar para o enfrentamento do desinteresse escolar da turma 7A103 e de fortalecer a função social da educação foram alcançados nos marcos institucionais disponíveis. Mais do que mensurar resultados imediatos, a proposta indicou possibilidades de atuação comprometida com os princípios do projeto ético-político da profissão, estimulando a reflexão sobre práticas emancipatórias no cotidiano escolar. As práticas artísticas, compreendidas como ferramentas metodológicas críticas, podem fortalecer a intervenção do Serviço Social no campo educacional. Quando orientadas por uma direção social comprometida com os direitos humanos, essas mediações contribuem para romper com processos de silenciamento, ativar espaços de subjetivação e fomentar a desnaturalização das desigualdades sociais no interior da escola pública.

Os objetivos de colaborar para a redução do desinteresse escolar da turma de sétimo ano 7A103, bem como reforçar a função social da educação para o exercício da cidadania foram alcançados, nos limites esperados para um projeto que é desenvolvido dentro de uma disciplina acadêmica. Ao voltarmos o olhar para os 05 (cinco) encontros realizados com os estudantes da referida turma, identificamos que ao reconhecer o potencial de trabalho com a arte, como uma mediação para processos de emancipação política, tem o potencial de qualificar intervenções sociais como mais criativas e em condições de contribuições para a consolidação do projeto hegemônico da profissão, com análises críticas da realidade e enfrentamentos dos produtos de fragmentação e alienação dos sujeitos.

Assim, conforme destaca Heller (1972), a arte pode - e deve - ser ativada enquanto instrumento de trabalho do assistente social, tendo em vista que esta, carregada de determinada ideologia, apresenta condições para promover processos de desfeticização, rompendo com o mundo entorpecido do trabalho, de modo a inserir-se em uma das dimensões possíveis para a suspensão do cotidiano, sendo um modo de estar e refletir a densidade da vida cotidiana. Entre essas dimensões, destacam-se: a possibilidade de acessar novos significados sobre a realidade vivida, colaborando para



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

uma reinterpretação das próprias experiências; a criação de espaços de imaginação e criatividade, e a oferta de um momento de encontro com a subjetividade, permitindo ao indivíduo refletir sobre si mesmo e sobre a sociedade em que está inserido.

Dessa forma, apreendemos no decorrer do presente trabalho como a arte, tida enquanto *práxis*, pode conectar os indivíduos com sua dimensão mais humana, e quando imbricada de uma direção social e com embasamento teórico, apresenta sim condições para fortalecer o compromisso profissional de defesa de direitos humanos, sendo um instrumento valioso para a promoção de processos de emancipação.

Por fim, destaco que a construção deste projeto foi atravessada por minha própria trajetória enquanto mulher negra, estudante da rede pública do jardim de infância à graduação em Serviço Social - que começou a sonhar futuros em um Ciep. O retorno à escola, agora em outra posição, permitiu-me reviver tensões e afetos que atravessam as relações escolares, sobretudo quando se trata daquelas turmas marcadas pelo estigma do fracasso. Reafirmo, portanto, que pensar a arte como *práxis emancipatória* não se dá de forma neutra, mas nasce do encontro entre experiências vividas, compromisso ético e desejo de transformação.

## **Referências**

Akotirene, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CFESS. **Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais**. Disponível em: [\[Link\]](#). Acesso em: 23 de novembro de. 2023

CFESS. Conselho Federal De Serviço Social. **Serviço Social na Educação**. Brasília, 2001.

Bolognesi, Luiz (Direção). Uma História de Amor e Fúria [filme]. Produção: Buriti Filmes. Brasil, 2013. 1h15min. Animação.

Brasil. **Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019**. Brasília: Diário Oficial da União, Seção 1, ano 157, n. 238, p. 1, 2019.

Charlot, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.





**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

Claudio, Glaucia de Oliveira & Santos, Leandro Bruno. Os espaços da exclusão social na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ. **Revista Cerrados**, v. 17, n. 02, p. 66–95, 2019.

Elnino, Thiago; SANT; KMKZ. **Pedagoginga**. In: ELNIÑO, Thiago. **A Rotina do Pombo** [CD]. Volta Redonda: Independente, 2017. Faixa 3.

Evaristo, Conceição. Escrivência: a escrita de nós. *In*: Duarte, Constância Lima. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica - Vol. 1. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2011. p. 161–170.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Frigotto, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 6ª Ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

Heller, Ágnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

Iamamoto, Marilda Villela. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 4ª Ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

Iamamoto, Marilda Vilela & Carvalho, Raul. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo, Cortez, 1983.

Lopes, Isabel Cristina Chaves. A mediação da Arte no trabalho educativo do serviço social para a emancipação humana. **Temporalis**, v. 17, n. 33, p. 61–74, 2017.

Martinelli, Maria Lúcia. Notas sobre mediações: alguns elementos para sistematização da reflexão sobre o tema. **Revista Serviço Social e Sociedade**, a. XIV, n. 43, p. 136-141, 1993.

Nunes, Fabriele de Fátima Santos. Relatório de Avaliação do Projeto de Intervenção: estágio supervisionado em Serviço Social. Campos dos Goytacazes: Universidade Federal Fluminense, 2023. [Documento não publicado].

Oliveira, Pamela Ingrid. **A Atuação do Assistente Social na Educação**: uma breve incursão nas demandas e respostas profissionais. Maranhão: Editora, 2017.



**Pra Gostar da Escola: trabalhando o desinteresse em uma escola da rede pública municipal a partir de mediações artísticas**

*Fabriele de Fatima Santos Nunes*

Segadas, José de. Jornalista relata fim dos Cieps como modelo educacional. **Instituto Lula**, 2022. Disponível em: [[Link](#)]. Acesso em: 17 de junho de 2023.